



GEORGE WASHINGTON CARVER

1860 - 1943

Inspiração e Mediunidade

Tal como afirmou Ismael Gomes Braga, em “Reformador” de abril de 1962, o livro de Sylvio Brito Soares (“Os Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo”) é, de fato, um trabalho pioneiro, que nos sugere inúmeras outras figuras da História, nas quais podemos sentir – mesmo a distância, no tempo e no espaço – influências ou inclinações psíquicas. Em tantos desses vultos, como o demonstrou o confrade Brito Soares, a mediunidade é óbvia e inequívoca.

Aliás, o trabalho a que nos habituamos chamar criador tem, invariavelmente, uma dose maior ou menor de mediunismo. As grandes inspira-

ções, quase sempre súbitas como um flash, não são mais que fagulhas divinas, descidas de muito alto e que ateiam o fogo sagrado no qual se funde a obra de arte ou a descoberta científica.

Sobre o assunto, que sempre me fascinou, tenho um livro muito curioso intitulado “The Creative Process” (O Processo Criador), compilado por Brewster Ghiselin, e que reúne depoimentos solicitados ou espontâneos, de grande número de intelectuais, sobre seus próprios métodos de criação.

Aqueles que têm algum conhecimento da Doutrina Espírita, encontrarão, com frequência impressionante, a descrição de autênticos fatos mediúnicos ou anímicos em muitos escritores, poetas, matemáticos, cientistas, filósofos, músicos, etc. Não que se deva concluir apressadamente que toda obra artística é ditada, letra por letra, por Espíritos desencarnados, embora muitas delas o sejam de fato. Sem dúvida, porém, as grandes inspirações e intuições têm uma origem nitidamente espiritual, ainda que insuspeitada a até mesmo negada pelos intelectuais.

Na introdução de seu livro, declara Brewster Ghiselin o seguinte, que traduzo: “A hipnose e outros processos, tais como a escrita automática (a que chamamos psicografia), revelam, de certa forma, a riqueza do que tem sido denominado de profundezas da mente, na qual, aparentemente, toda a vivência do organismo é, de alguma forma, retida, alcançando incalculável multidão de experiências que nunca chegam a atingir o pórtico do consciente”. E mais adiante, referindo-se ao ato da criação artística, acrescenta: “A concentração em tal estado, pode ser tão aguda que a pessoa parece, a si mesma e aos outros, estar em transe ou em algum estado similar hipnótico ou sonambúlico”. Dentro da terminologia espírita diríamos que a pessoa parece encontrar-se em estado mediúnicamente ou mediunizada.

Já William Blake – também lembrado por Sylvio Brito Soares – declarava que alguns de seus poemas lhe vinham, sem nenhum preparo prévio, “como se lhe fossem ditados”. Vemos, assim, que muitos artistas, além de produzirem obras próprias, embora sob inspiração espiritual, produzem também trabalhos nitidamente mediúnicos, psicografados. Eles próprios o admitem.

Mozart confessava, em uma carta, não saber de onde, nem como lhe vinha a inspiração, mas informava que em estado de quietude, quando só, “ouvia” espiritualmente linhas melódicas completas e acabadas, que ele ia retendo na memória prodigiosa que sempre teve. É tão magnífico o seu trabalho psíquico que ele tem a “visão” estática da peça toda, fora do tempo e pode “inspecioná-la tal como se tivesse diante dos olhos um belo quadro ou uma notável estátua”. Acrescentava que “ouvia (palavra sua), na imaginação, as partes integrantes da peça, não sucessivamente, na sua seqüência natural, mas tal como se fossem executadas ao mesmo tempo”. No texto em inglês: “I hear them, as it were, all at once”. O original alemão, citado entre parêntesis: “gleich alles zusammen”. Ora, seria impossível, em estado normal de consciência, “ouvir” uma peça musical complexa como se executada de uma só vez, sem a seqüência natural a que estamos habituados. Mediunismo puro, portanto.

Harold Shapero informa, em carta a Tobias Von Haslinger, que muitas idéias musicais contidas no trabalho criador são “freqüentemente apresentadas ao compositor em sonhos ou num estado de sonolência”. (“Half waking state”).

E o caso de Samuel Taylor Coleridge? Vale a pena recordá-lo aqui. No verão de 1797, Coleridge teve uma indisposição orgânica, para a qual o médico receitou dois grãos de ópio, uma dose puramente sedativa. O poeta sentou-se numa cadeira e, ao adormecer, estava lendo uma frase de “Purchas’s Pilgrimage”, que dizia o seguinte: “Aqui o Khan Kubla ordenou que um palácio fosse construído entre majestosos jardins. Para isso, dez milhas de terreno fértil foram cercadas com um muro”.

Durante três horas dormiu o poeta e teve estranhas visões. As imagens levantavam-se diante de seus olhos espirituais, como coisas vivas, sem nenhum esforço consciente de sua parte. Ao acordar tinha tudo muito claro na memória. Tomou da pena, tinta e papel e começou a escrever ansiosamente um poema que intitulou “Khan Kubla” e que lhe ficara na lembrança. Nesse momento, porém, foi chamado por uma visita, que acabara de chegar para discutir um assunto importante. Ao voltar, uma hora depois, o resto do poema se perdera, apagando-se da sua memória a magnífica visão que tivera. Nunca mais pôde recuperá-la. Da experiência surpreendente ficaram apenas alguns notáveis fragmentos do que seria um belo poema.

Amy Lowell declara no seu depoimento: “Não ouço uma voz, ouço, porém, palavras; só que a pronúncia é destituída de som. As palavras parecem ter sido pronunciadas na minha cabeça, mas ninguém as enuncia”.

Mais adiante, declara que os poemas extensos passam por longo período de preparo, como em “gestação subconsciente”. “De repente – continua – as palavras surgem, impulsionadas por imperiosa insistência, que não admite espera. Elas precisam de ser escritas imediatamente, senão experimento um agudo sofrimento, um desconforto quase físico, que não cede enquanto o poema não é liberado”.

Algumas linhas abaixo, acrescenta: “concluo que a concentração necessária para isso é da mesma natureza do transe”.

O grande Friedrich Nietzsche, dono de um dos mais poderosos cérebros na história da Filosofia, fez uma dessas confissões corajosas. Corajosa e bela, pelo que tem de mais pura humildade. Disse ele: “Será que pode alguém, ao finalizar este século dezenove, possuir alguma noção distinta sobre o que os poetas de um período mais vigoroso queriam dizer quando falavam em inspiração? Se não na tem, eu gostaria de descrevê-la. Admitindo-se que possa alguém guardar ainda o mais ligeiro resquício de superstição, é difícil rejeitar completa-

mente a idéia de que somos uma simples encarnação, porta-voz ou médium (no original está médium mesmo) de algum poder superior”.

George Frideric Handel, incendiado pela paixão criadora, escreveu, praticamente dum só jato, uma obra imortal, das mais belas que se conhece em música sacra, o majestoso oratório chamado “O Messias”. Trancou-se no seu quarto e, durante vários dias, em estado de febril excitação, sem comer nem dormir, produziu sua obra-prima. Mais tarde declarou que ao escrever o famoso coro da “Aleluia” teve a impressão de que o próprio Deus estava ali, diante dele.

A vida do Professor George Washington Carver também poderia figurar com honra no livro de Brito Soares.

Mr. Carver foi, sem dúvida, um dos mais nobres e profundos Espíritos que já desceram à Terra. Sua história magnífica é uma lenda de grandeza, traçada, estranhamente, no plano da mais pura humildade e iluminada pela sua tranqüila genialidade. Estratificado em inúmeras e proveitosas encarnações, desceu para desempenhar missão difícil e cheia de tropeços. Venceu todos os obstáculos e seu belíssimo Espírito deve hoje pairar em alturas inconcebíveis a pobres principiantes como eu.

Sua vida foi dramática

Há um século, em janeiro de 1860, nasceu negro e filho de escravos nos Estados Unidos. Criou-se órfão, sem chegar a conhecer os pais. Pobre, doentio e sofrido, caminhou pelas estradas da miséria e do trabalho mais humilde. Aos 83 anos de idade física, seu poderoso Espírito regressou à elevada mansão donde tinha vindo. Havia conquistado, entre os homens da sua época e da sua pátria, uma posição de inigualável destaque, com a qual jamais um negro teria sonhado. Atravessara barreiras maciças de preconceitos de cor e condição social. Não que ambicionasse galgar posições entre os brancos, mas a pujança de seu gênio tornou incontável aquele fluxo de admiração e respeito que o cercava.

Amou a Natureza e as coisas simples da vida. Seu poder criador não conhecia limites, a não ser a vontade de Deus. Somente no amendoim descobriu mais de 300 subprodutos, hoje largamente industrializados. Jamais se preocupou em registrar patentes de suas invenções e descobertas. Dizia que as patentes acabariam por cair nas mãos de algum poderoso trustee industrial, que as exploraria em detrimento dos pobres. Achava preferível que suas fórmulas permanecessem como coisa comum, sem dono, para que qualquer pessoa pudesse utilizar-se delas. Foi um artista no mais profundo senso da palavra. Com grande pena e compreendendo certamente, na força da sua intuição, que eram outros os objetivos de sua missão na Terra, abandonou os pinceis. Na certa seria um dos grandes pintores de sua época. Mesmo entre os poucos quadros que deixou, contam-se inegáveis obras-primas, especialmente aqueles que reproduziam flores, frutos e coisas da Natureza que tanto amava. Criava suas próprias tintas e com elas reproduzia a vida na tela, com um realismo dificilmente igualado.

Amou os livros, a música, os longos passeios pelo campo, as infindáveis horas de silêncio e estudo no seu laboratório, a que chamava, muito significativamente, “a pequena oficina de Deus”. Sempre dizia que ele pessoalmente não descobria nada. Deus é que, na sua imensa bondade, ia aos poucos revelando os segredos e mistérios das coisas. Bastava aproximar-se dEle com verdadeira humildade e inteligência aberta e pedir-lhe a graça da revelação. Era um simples servo de Deus, singelo instrumento em Suas mãos. Muito mais seria capaz de fazer se pudesse manter contacto mais íntimo com Deus. Seu trabalho era feito entre preces e, como ele dizia, às “vezes Deus concordava em abençoar os resultados”.

Suas descobertas sobre amendoins começaram dessa forma. Preocupado com a humilde plantinha, precisava com urgência descobrir meios de industrializá-la. Isso porque havia aconselhado seus irmãos de cor e de pobreza a plantarem grandes quantidades de amendoim. Esquecido, porém, das leis econômicas, verificou depois que criara um excesso de oferta, isto é, produziram tanto amendoim que este caiu a preços baixíssimos. O professor Carver trancou-se então no seu laboratório, diante de Deus e diante do seu problema, para buscar uma solução. Por processos físicos e químicos, começou a desdobrar o amendoim em seus componentes, para saber o que Deus havia colocado naquela semente. Lá estavam, agora, todos à sua frente: água, óleos, gorduras, resinas, açúcar, pectoses, gomas, pentosanas, aminoácidos. E agora? Queria o Senhor dizer por que havia feito o amendoim?

Não tardou muito, as respostas começaram a surgir, não sem trabalho, não sem dedicação incansável, mas vinham aos borbotões. E o professor negro começou a produzir molhos, bebidas, café solúvel, água sanitária, solventes, papel, líquidos para limpar metais, tintas, plásticos, creme de barbear, óleo para fricção, xampu, borracha sintética, graxa... Parecia não ter mais fim a linha de subprodutos. Com o tempo descobriu que o amendoim produzia também um leite, quase igual ao das vacas. Tão perfeito e puro, que dele se poderia tirar manteiga e queijo. Enquanto que cem quilos de leite de vaca produziam dez quilos de queijo, cem quilos de leite de amendoim davam trinta e cinco de queijo.

Um dia foi convidado a fazer uma palestra numa associação de produtores de amendoim. Ninguém sabia ao certo como era o professor, mas sabiam que era negro e por isso – pensavam – não poderia ter muita coisa interessante para dizer. Os figurões da “United Peanut” (o nome da Associação) chegaram à cidade de Montgomery no dia 13 de setembro de 1920 e se alojaram no melhor hotel da cidade. No dia seguinte chegou o Professor Carver, com sua mala cheia de jarros e amostras. Muita gente encontrou-se na rua com aquele homem de cor, de ar bondoso, cabeça embranquecida, carregando uma pesada mala. Quem seria? Chegando ao hotel, onde deveria fazer a conferência, foi barrado pelo porteiro, em termos rudes:

- Que é que você deseja?
 - Quero ver o presidente da “United Peanut”.
- Negro não podia entrar no hotel.
- Mas estão me esperando lá dentro.

Não podia entrar. O porteiro consentiu, no entanto, em levar-lhe um bilhete e, pouco depois, o negro professor era introduzido para fazer uma das suas notáveis palestras sobre o amendoim, para admiração de todos os presentes.

Outra memorável conferência foi pronunciada perante o Congresso americano. O negro, que entrara humilde e desconhecido, tinha apenas dez minutos para falar. Acabou falando uma hora e quarenta e cinco minutos, pois que os deputados se haviam esquecido do cansaço e do calor, para ouvi-lo. Muitos estavam pasmos, pois haviam aprendido a deformada noção de que a raça negra só produz seres inferiores. Não sabiam – e tantos ainda ignoram hoje – que não importa a cor da pele; o que vale é a estatura moral e intelectual do Espírito que se veste com aquele corpo físico. Ao terminar a palestra, um deputado, interpretando certamente o pensamento unânime dos seus colegas presentes, levantou-se e disse:

- O senhor acaba de prestar a esta Comissão um grande serviço.
- O deputado Gardner tomou a palavra e, dirigindo-se aos presentes, declarou:
- Acho que ele merece os agradecimentos da Comissão.

E, dizendo isso, levantou-se e começou a bater palmas. Todos os demais membros também se levantaram e aplaudiram o Professor Carver, que, modestamente e muito confuso, agradeceu, enquanto os deputados, de pé, continuavam a bater palmas. Era um espetáculo inédito: um grupo de homens brancos, da alta administração pública, numa época obscurecida pelo preconceito racial, aplaudindo de pé um negro modestamente vestido, que acabara de falar sobre o amendoim. Anos mais tarde, num discurso do Dr. Alan Valentine, da Universidade de Rochester, em sua homenagem, foram pronunciadas estas palavras: “... O reconhecimento (de seus méritos) veio lentamente da parte dos homens brancos, mas, quando ele chegou, o senhor nem o desprezou, nem se escravizou a esse reconhecimento. E porque o senhor abriu novas portas da oportunidade àqueles americanos que acontecem ser negros; porque o senhor demonstrou, mais uma vez, que não existe barreira de cor para a capacidade humana; porque o senhor ajudou milhares de homens a adquirirem uma nova confiança... confiro-lhe o grau de Doutor em Ciência, honoris causa, e, em reconhecimento, entrego-lhe o diploma e lhe peço que o manto correspondente a este título, com as cores da Universidade, seja colocado sobre seus ombros”.

Na sua concepção elevada, Ciência e Religião não se eliminam, mas, ao contrário, se completam, porque a Ciência cada vez mais nos aproxima de Deus, confirmando seus ensinamentos e revelando os mistérios das coisas que Ele criou.

O Instituto de Educação de Negros, no qual trabalhou quase toda a sua vida, pagava-lhe 1.500 dólares por ano. O Professor Carver nunca se preocupou em pedir aumento. Mesmo os cheques dessa modesta remuneração ficavam, às vezes, perdidos entre seus papéis e livros, sem terem sido recebidos, para desespero dos guarda-livros. Quando um banco faliu e arrasou todas as suas economias, ele se limitou a comentar que provavelmente alguém havia encontrado alguma utilidade para o seu dinheiro; além do mais, ele, professor, não precisava daquela importância.

Assim, um homem que poderia ter deixado uma fortuna incalculável, morreu pobre, porque não vendera nenhum dos segredos que lhe foram revelados na pequena oficina de Deus. Tal como ensinava Jesus, o Dr. Carver achava que devia dar de graça o que de graça recebera.

A um grupo de pastores que o procuraram para fazer uma palestra, respondeu de maneira rude mais sincera e objetiva:

- “Seus métodos falam tão alto que não posso ouvir o que os senhores estão dizendo. Os senhores têm muita religião e pouco Cristianismo, muitos credos e poucas ações. Este mundo está morrendo à míngua de bondade”.

Sua concepção da prece foi assim resumida numa carta:

“Minhas preces parecem ser mais uma atitude que qualquer outra coisa. Faço poucas orações com os lábios, mas peço silenciosamente e diariamente ao Grande Criador e frequentemente, muitas vezes ao dia, que permita falar com Ele através dos três grandes Reinos do Mundo que Ele criou – o reino animal, o mineral e o vegetal – para compreender suas relações mutuas, nossas relações com eles e para com o Grande Deus que nos fez a todos nós. Peço a Ele diariamente e, às vezes, de momento em momento, para conceder-me sabedoria, compreensão e forças físicas para fazer Sua vontade; por isso estou sempre pedindo e sempre recebendo”.

Seu grande ideal de garoto era possuir um canivete. Mas como? Não tinha nada de seu, além da roupa do corpo e uma caminha para dormir na casa de seus pais adotivos. (não conhecera mãe nem pai). Era impossível conseguir um canivete. Então o impossível aconteceu.

Uma noite ele teve um estranho sonho. Sonhou que viu três pés de milho, num campo; bem pertinho dos pés de milho, no chão, havia uma melancia, meio comida, algumas sementes espalhadas e, ao lado, um canivete que era uma beleza. Do tamanho dum lápis, cabo preto, de duas folhas, tal como desejava!

Na manhã seguinte, acordou aflitíssimo. Mal conseguiu tomar o café, disparou para o campo, como uma flecha. Foi direto ao lugar que tinha visto em sonho. Tudo igualzinho como tinha sonhado! Os pés de milho, a melancia, as sementes e o canivete. Este sonho lhe pareceu a coisa mais natural do mundo. Disse que era fácil para ele prever os acontecimentos. Certamente, durante o sono físico seu Espírito, desprendido, percorrera os campos e, achando o canivete, transmitiu ao cérebro físico as imagens que o haviam de orientar na manhã seguinte.

De outra feita, resolveu, por meio de um sonho, um problema que parecia insolúvel. Estava tentando descobrir um processo de fazer lixa, mas não conseguia acertar. Uma noite dormiu e sonhou que entrava numa grande oficina ambulante, onde havia um homem colocando uma roda no vagão. O Professor Carver, sempre em sonho, chegou-se ao homem e perguntou-lhe se ele sabia fazer lixa.

- Sei – disse o homem (mas não quis dizer como).

- Bem, então, vou dizer como eu acho que deva ser.

E contou tudo minuciosamente. Quando terminou, o homem, sempre trabalhando na sua roda, disse tranqüilamente:

- Está tudo certo. A única coisa é que você não ferveu a areia.

E pronto, quando ele acordou, já sabia como fazer lixa.

Outro sonho anímico. Na certa seu Espírito, à procura de uma solução, encontrara alguém que a conhecia e lha transmitira.

Por fim, julgou Deus, na sua imensurável sabedoria, que era chegado o momento de chamar, à glória da Espiritualidade, aquele que tão fielmente desempenhara a nobre e difícil missão de levantar o moral da sua raça e criar novas possibilidades à gente de cor. A 5 de janeiro de 1943, partiu sereno para o Alto. Seu Espírito, desligado da angústia humana, poderia, agora, planar nas alturas da paz e o poeta poderia repetir-lhe:

“Dorme o teu sono, coração liberto,

Dorme na mão de Deus eternamente!”.

Só que o sono dos Espíritos puros no seio da Divindade não é o sono da imobilidade eterna e contemplativa; ao contrário, adormecem para sempre as imperfeições que latejaram no coração, ao fio de tantas encarnações; adormecem as lembranças de remotas mágoas e dores; adormece para sempre a fugaz ilusão da matéria, mas o Espírito, esse brilha mais do que nunca, vive mais plenamente que nunca, trabalha como jamais trabalhou, sob a inspiração da Divina Sabedoria.

George Washington Carver, o moderno santo da Ciência, não poderia aceitar o sono eterno da inatividade, pois ninguém melhor que ele sabe que de segredos maravilhosos ainda existem na imensa e eterna oficina de Deus.

Irmão negro, irmão superior, irmão George Washington Carver: que Deus derrame, sobre teu Espírito maravilhoso, bênçãos sem conta, para que continues a espalhar as luzes que inundam teu nobre coração.